



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CAIO FERNANDO BARBOSA FRANÇA DE MORAES  
JOÃO ANTONIO DA SILVA NETO**

**REVISÃO NARRATIVA SOBRE O ATENDIMENTO CLÍNICO EM SERVIÇOS-  
ESCOLA ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2022**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO**

**2023**

**Caio Fernando Barbosa França de Moraes**  
**João Antônio da Silva Neto**

**Revisão narrativa sobre o atendimento clínico em serviços-escola entre os anos de 2012 a  
2022**

Artigo de Graduação apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Miracema do Tocantins, TO  
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586r Silva Neto, João Antônio da., Moraes, Caio Fernando Barbosa França de,.  
Revisão narrativa sobre o atendimento clínico em serviços-escola entre os  
anos de 2012 a 2022. / Moraes, Caio Fernando Barbosa França de, Silva Neto,  
João Antônio da. – Miracema, TO, 2023.

36 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2023.

Orientadora : Glauca Mitsuko Ataka da Rocha

1. Serviço-escola. 2. Clientela. 3. Terapeuta. 4. Intervenção. I. Título

**CDD 150**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

CAIO BARBOSA FRANÇA DE MORAES

JOÃO ANTONIO DA SILVA NETO

REVISÃO NARRATIVA SOBRE O ATENDIMENTO CLÍNICO EM SERVIÇOS-  
ESCOLA ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2022.

Artigo foi apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, para a obtenção do título de Psicólogo e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 22/06/2023

Banca Examinadora:



---

Profª. Dra. Gláucia Mitsuko Ataka da Rocha, Orientadora, UFT.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ADRIANO JUNIO MOREIRA DE SOUZA  
Data: 18/08/2023 16:12:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adriano Junio Moreira de Souza, Examinador, UFT

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** SARA SANTOS DIAS COSTA  
Data: 18/08/2023 17:11:57-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Mestranda Sara Santos Dias Costa, Examinadora, UFTM

Dedicamos este trabalho a familiares e entes queridos, sem os quais o simples sonho de obter um diploma de ensino superior não seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a nós, pessoas sem as quais nada teria sido possível, a nossa orientadora Dr<sup>a</sup> Glaucia Mitsuko Ataka da Rocha, que foi um incentivo sem precedentes e peça fundamental para a construção deste trabalho, demonstrando paciência com nossos erros e disposição para nos guiar.

Aos nossos familiares, sempre preparados para nos apoiar nos momentos que exigiam mais esforço e dedicação.

Aos amigos e companheiros de curso, com quem compartilhamos experiências e aprendemos.

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo de revisão narrativa/integrativa sobre artigos relacionados a serviços-escola brasileiros durante os anos de 2012 a 2022. Para o levantamento de dados, foram usadas plataformas virtuais de acesso aberto (*Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia, PEPsic, Lilacs e Scielo*). Dentro dos trabalhos elencados, foram elaborados três tópicos: Clientela, Intervenções e Terapeutas, sendo discutidos à parte. Os autores concluem que esses estudos oportunizam o aperfeiçoamento da prática clínica nos Serviços-Escola de psicologia, pois partem do conhecimento constante acerca da população atendida, bem como das demandas da comunidade em que se inserem.

**Palavras-chave:** Serviço-escola. Clientela. Terapeuta. Intervenção.

## ABSTRACT

This study is a integrative/narrative literature review about papers related to brazilian school psychology clinics produced during the years of 2012 to 2022. The free access virtual databases used for data gathering were (*Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia, PEPsic, Lilacs and Scielo*). Within the papers used, three analytic categories were created: Clientele, Interventions and Therapists. The authors concluded that these studies enable clinical practice enhancement on school psychology clinics, due to the knowledge concerning the population that uses the clinics, as well as the information about the needs of the communities in which the clinics function.

**Keywords:** School psychology clinics. Clientele. Therapist. Intervention.



## SUMÁRIO

|            |  |           |
|------------|--|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                 | <b>8</b>  |
| <b>2</b>   | <b>OBJETIVOS.....</b>                                  | <b>12</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Objetivo Geral.....</b>                             | <b>12</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Objetivos Específicos.....</b>                      | <b>12</b> |
| <b>3</b>   | <b>METODOLOGIA.....</b>                                | <b>13</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Tipo de estudo.....</b>                             | <b>13</b> |
| <b>3.2</b> | <b>Bases Indexadoras e Descritores.....</b>            | <b>13</b> |
| <b>3.3</b> | <b>Critérios de Inclusão e Exclusão.....</b>           | <b>13</b> |
| 3.3.1      | Critérios de inclusão.....                             | 13        |
| 3.3.2      | Critérios de exclusão.....                             | 13        |
| <b>4</b>   | <b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                     | <b>14</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Clientela.....</b>                                  | <b>14</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Intervenções.....</b>                               | <b>18</b> |
| <b>4.3</b> | <b>Terapeutas: supervisores e estagiárias(os).....</b> | <b>25</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                       | <b>27</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                | <b>29</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O estágio é a porta de entrada das/os alunas/os de graduação no exercício profissional supervisionado. Promove um elo entre a formação e a prática profissional. Estabelece, por conseguinte, um compromisso entre a instituição formadora e o atendimento às demandas da sociedade e faz um elo entre as atividades acadêmicas e profissionais, configurando um espaço privilegiado de articulação entre ensino, pesquisa e extensão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Tradicionalmente, essas práticas ocorriam em um espaço denominado Clínica-Escola, um espaço de ensino de Psicologia necessário para que os alunos se formassem tendo o exercício prático e a relação deste com a teoria. Sob a supervisão de professores, os estudantes utilizavam os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de sua formação, de maneira a se aprimorarem e servirem a comunidade. As clínicas-escola começaram a ser implementadas nos anos 60 com a aprovação da Lei nº 4119/62, que também regulava a profissão de psicólogo(a). Na redação da lei transparece a ideia que se tinha de psicologia. O panorama apresentado previa que os serviços de atendimento ao público seriam exercidos a partir de um viés clínico. Esta visão da psicologia e, conseqüentemente, da clínica-escola, refletia a matriz curricular dos cursos de formação, identificando-os a partir do paradigma médico pelo qual a psicologia se orientou durante seus primeiros anos no Brasil e privilegiando as atividades centradas no atendimento clínico individual (LOHR; SILVARES, 2006).

Como campo de contato entre a formação acadêmica e a comunidade na qual se realiza, os estágios supervisionados em Psicologia enfrentaram inúmeros e complexos desafios para muitos dos quais o atendimento clínico individual não se mostrava totalmente apropriado. A partir daqueles desafios, pesquisas foram feitas e foram abordadas novas intervenções que estivessem alinhadas às demandas da comunidade. Esses espaços de estágio supervisionado passaram a oferecer mais serviços além da psicoterapia individual, tornando a denominação clínica-escola inadequada. Nesse movimento, “O termo clínica-escola veio a ser substituído por serviço-escola a partir do 12º Encontro de Clínicas-Escola do Estado de São Paulo em 2004” (MELO-SILVA *et al.*, 2005).

As mais recentes Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) aprovadas e homologadas, de 2011, estabeleceram, no Art. 25, que os projetos dos cursos de Psicologia deveriam prever a instalação de um ‘Serviço de Psicologia’, denominado Serviço-Escola, que teria por finalidade responder às exigências para a formação da (o) psicóloga (o) em acordo com as competências que o curso tem por objetivo desenvolver no aluno e as demandas de serviço psicológico da

comunidade na qual está inserido (BRASIL, 2011; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013). Estão em processo de homologação, desde 2019, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia. No Art. 2º., parágrafos 1 e 2, consta que o Serviço-Escola é um espaço de prestação de serviços e articulação com a sociedade, podendo integrar ações de formação, pesquisa e extensão e que as atividades desenvolvidas e coordenadas neste espaço de formação devem ser congruentes com o perfil do egresso e com as demandas de serviço psicológico da comunidade na qual a instituição de ensino superior está inserida (BRASIL, 2019). Por conseguinte, entende-se que o Serviço- Escola não é um espaço físico apenas, mas um espaço de aprendizagem que pode ser oferecido fora do espaço físico da universidade e estender-se aos espaços comunitários, de saúde coletiva, de educação básica e outros, em que o trabalho de um profissional de psicologia possa ser realizado e onde haja demanda para a sua atuação.

É importante frisar que a mudança de perspectiva orientadora desses espaços de formação profissional não anulou os atendimentos clínicos, ampliou-os, de fato, pois fazem parte do rol de atividades praticadas por profissionais de psicologia e uma demanda das comunidades atendidas. Portanto, os atendimentos clínicos individuais são uma possibilidade dentre outras contidas nas ênfases curriculares que os cursos de Psicologia podem oferecer em seus Projetos Pedagógicos de Curso, especificamente, a de Processos Clínicos. Segundo as DCN esta ênfase envolve “a concentração em competências para atuar em práticas e estratégias clínicas, em face aos problemas de ordem psicológica ou psicossocial apresentados por indivíduos ou grupos em distintos contextos” (BRASIL, 2019, p.11).

O Serviço-Escola sustenta-se sobre três pilares: Ensino, Extensão e Pesquisa, articulados (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013). No que tange à pesquisa nesse contexto, ela acompanha o fazer de futuras(os) psicólogas e psicólogos, fomentando a reflexão sobre a teoria, a prática e as demandas da realidade. Enquanto a pesquisa possibilita a ampliação do conhecimento acerca das necessidades específicas da população atendida, orienta os serviços a serem oferecidos e garante uma maior inserção social da Psicologia, na medida em que atende as necessidades específicas do contexto em que se inserem os serviços prestados à população (ANCONA-LOPEZ, 1995). Mais especificamente em relação aos atendimentos clínicos, a organização dos serviços prestados tem se beneficiado do conhecimento das características sociodemográficas e clínicas da população atendida (MARAVIESKI; SERRALTA, 2011; AMARAL *et al.*, 2012).

Ademais, um dos deveres fundamentais de psicólogas e psicólogos é a prestação “de serviços de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 8). O Código de Ética Profissional da categoria deixa clara a ideia de que futuros profissionais necessitam reconhecer o que caracteriza a Psicologia como ciência e que a pesquisa é indissociável da formação de psicólogas e psicólogos, uma vez que sua atuação deve ser fundamentada em técnicas reconhecidamente respaldadas pela ciência psicológica. Por conseguinte, a oportunidade de realizar a formação acompanhada pela construção do conhecimento sobre a realidade em que atuarão possibilita o surgimento do olhar crítico associado às evidências científicas que surgem do fazer (YOSHIDA, 2005).

A pesquisa se torna possível porque os Serviços-Escola guardam, por determinação legal, registros de todos os atendimentos clínicos realizados, mantendo um banco de dados bastante detalhado, principalmente acerca das avaliações psicológicas e psicoterapias, para as quais são feitos registros de cada sessão realizada. Embora esse material não seja o mais fidedigno, uma vez que é resultado da memória desses atendimentos, possibilita uma postura crítica e flexível em relação às fórmulas de atendimento, a fim de não reproduzir indefinidamente aquelas que podem não condizer com as reais necessidades da população (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013; ROCHA; ENÉAS, 2013).

Segundo levantamento realizado por Amaral *et al.* (2012) até o ano de 2009, foi a partir da década de 80 que surgiram os primeiros registros científicos dos atendimentos realizados nas clínicas-escola e depois Serviços-Escola. Neste sentido, encontram-se publicados artigos científicos sobre: a clínica psicanalítica na universidade (PINHEIRO; DARRIBA, 2010); as características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de Psicologia (MARAVIESKI; SERRALTA, 2011); a caracterização de problemas de comportamento infantil (WIELEWICKI, 2011); a revisão de Amaral *et al.* (2012); o estudo da mudança de pacientes em clínica-escola: avaliação de resultados e processos (HONDA; YOSHIDA, 2012); o plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas (MEIRELES VIEIRA; BORIS, 2012); a caracterização da queixa escolar (RODRIGUES; CAMPOS; FERNANDES, 2012); a caracterização da clientela infanto-juvenil de uma clínica-escola de Avaliação Psicológica (BORSA *et al.*, 2013a); caracterização da clientela adulta atendida (OLIVEIRA; LUCENA- SANTOS; BORTOLON, 2013); os motivos da busca de atendimento psicológico (SOUZA; SANTOS; VIVIAN, 2014); a supervisão clínica em psicologia no contexto de clínica-escola (XIMENES; BARRETO,

2018), os encaminhamentos da Atenção Básica a uma Clínica- Escola de Psicologia (FARIAS; VIEIRA, 2022); os desafios e possibilidades das práticas clínicas em tempos de pandemia (MACÊDO; FARINHA, 2022); a promoção da saúde mental de adolescentes com sintomas depressivos em clínica-escola (SILVA; SCHRODER; GEDRAT, 2022), entre outros. Esse material possibilitará um novo estudo sobre o estado da arte da pesquisa em Serviços-Escola, de 2012 até o presente.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Fazer uma revisão narrativa que compreenda todos os artigos relacionados a serviços-escola no Brasil durante os anos de 2012 a 2022.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Fazer um levantamento dos artigos que tratam de serviços-escola de psicologia nos anos de 2012 a 2022;
- Identificar os principais temas estudados.

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Tipo de Estudo**

Trata-se de um estudo de revisão narrativa/integrativa da literatura científica. De acordo com Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015), uma revisão integrativa é um tipo de estratégia metodológica que busca não apenas apresentar a produção científica e sistematizá-la, mas, sim, integrá-la com a finalidade de permitir reflexões sobre um determinado tema, a fim de contribuir através de novos estudos, pesquisas e práticas baseadas em evidências, na possibilidade de trabalhos científicos futuros. Os procedimentos metodológicos adotados na presente revisão seguem a proposta de Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro (2015) sendo eles: (1) tipo de estudo; (2) bases indexadoras e descritores; (3) estabelecimento de critérios de inclusão/exclusão; (4) procedimentos.

### **3.2 Bases Indexadoras e Descritores**

Para o levantamento dos dados desse estudo, foram usadas as plataformas virtuais de acesso aberto utilizadas no artigo de revisão de Amaral et al (2012), quais sejam: *Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi)*, *PEPsic*, *Lilacs* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. Ademais, foram utilizados os descritores: “clínica-escola de psicologia” e “serviço-escola de Psicologia”.

### **3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão**

#### **3.3.1 Critérios de inclusão**

Os critérios de inclusão para os artigos foram: (1) artigos sobre serviços prestados em clínicas-escola brasileiras, (2) artigos disponíveis eletronicamente e (3) artigos escritos em língua portuguesa.

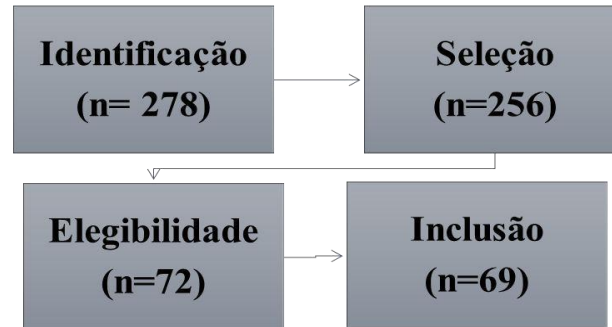
#### **3.3.2 Critérios de exclusão**

Os critérios de exclusão para os artigos foram (1) artigos referentes a serviços prestados fora da clínica-escola.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 1 é apresentado o fluxograma do processo de seleção dos artigos que foram incluídos para a realização dessa pesquisa.

Figura 1- Fluxograma do processo de seleção dos artigos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

A partir da leitura dos 69 artigos levantados na presente pesquisa, foram compostas diversas categorias de temas existentes no contexto de clínicas-escola. Constatou-se, posteriormente, que os trabalhos publicados seriam adequadamente delimitados em três grupos, logo mais explorados. Em se tratando de serviços-escola de psicologia, os seguintes temas foram destacados: Clientela, Intervenções e Terapeutas, os quais comporão a tríade apresentada e discutida a seguir.

### 4.1 Clientela

Nos trabalhos que abordam o público atendido em clínicas-escola, é possível notar que eles refletiram o contexto em que essa clientela está inserida, no país. No entanto, um dos desafios frequentes, parece ser a preocupação com o atendimento de crianças (BOAZ; NUNES; HIRAKATA, 2012; ROCHA, ROSA, 2019; VIVIAN; TIMM; DE SOUZA, 2013; PREBIANCHI, 2014; BORSA et al, 2013a; VAGOSTELLO et al, 2017; VERÍSSIMO, SERRALHA, 2020).

O artigo de Boaz, Nunes e Hirakata (2012), investigou mudanças nas problemáticas do desenvolvimento de crianças assistidas por clínicas-escola brasileiras ao longo das últimas três décadas. Foram analisados dados documentais de 2155 crianças de três clínicas-escola de Porto Alegre, RS, utilizando as escalas do CBCL para determinar a variável problema



desenvolvimental. Os resultados mostraram que as meninas foram encaminhadas apresentando mais problemas de retraimento/depressão, enquanto os meninos apresentaram mais problemas de atenção. Problemas de aprendizagem, comportamento desafiador e problemas de pensamento foram encontrados com frequências semelhantes entre os sexos nas três décadas.

O estudo de Oliveira, Lucena-Santos e Bortolon (2013), buscou caracterizar aspectos sociodemográficos e clínicos da clientela adulta que procurou a clínica-escola de uma universidade do Sul do Brasil. Dos 577 adultos que passaram pela triagem, 170 participaram do estudo. A maioria era do sexo feminino e estava na faixa do ensino superior, sendo a faixa etária mais prevalente a de 20-29 anos. Os resultados indicaram maior porcentagem de pessoas classificadas na faixa clínica nas subescalas de ansiedade, depressão, competência social e problemas familiares e ocupacionais, e a coexistência de múltiplas queixas também foi evidenciada.

A pesquisa de Borsa et al. (2013a) caracterizou a clientela infanto-juvenil que buscou atendimento em uma clínica escola de avaliação psicológica entre 2009 e 2011. Participaram 59 crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos, sendo a maioria dos pacientes do sexo masculino, com encaminhamentos realizados principalmente por médicos, bem como com alta prevalência de problemas de comportamentos internalizantes, problemas de aprendizagem e de atenção.

O estudo de Vivian, Timm e Souza (2013) teve como objetivo caracterizar a população de crianças e adolescentes que buscaram atendimento psicológico em um serviço- escola da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foram descritas as características de 194 pacientes atendidos no período de 2008 a 2012. Verificaram que a maioria das crianças estava na faixa etária entre 5 e 9 anos (45,9%), sendo a maioria meninos (63,9%). A maioria dessas crianças (43,5%) apresentava motivos de busca relacionados a problemas de aprendizagem e 48,1% delas iniciaram o tratamento, mas desistiram. O estudo aponta, além disso, a necessidade de melhoria no registro de informações e de informatização do banco de dados.

O trabalho de Prebianchi (2014) investigou as concepções de usuários e profissionais sobre saúde mental infantil, transtornos e tratamentos psicológicos em um serviço-escola de psicologia. Foram entrevistados 24 usuários e 7 profissionais, e a análise de conteúdo mostrou que ambos os grupos têm concepções semelhantes sobre a importância dos relacionamentos familiares para o desenvolvimento infantil saudável e sobre a necessidade de intervenções terapêuticas envolverem os pais.

O artigo de Souza, Santos e Vivian (2014), teve como objetivo identificar os principais motivos de busca dos pacientes em uma Clínica Escola de Porto Alegre/RS. Foram analisadas

229 fichas de triagem de pacientes adultos que passaram pelo serviço-escola, constatando que a maioria era do sexo feminino, com faixa etária entre 30 e 39 anos e ensino médio completo. Os resultados evidenciaram os transtornos de humor (47,7%), seguidos por transtornos relacionados à ansiedade (26,8%) e problemas psicossociais e ambientais (15,5%).

O estudo de Porto, Valente e Rosa (2014), analisou o processo de recepção de pacientes no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da UNESP de Assis, buscando esboçar o perfil da clientela que busca ajuda no serviço-escola de Psicologia. Foram analisadas fichas de triagem de 2008 a 2012, identificando variáveis sociodemográficas e o motivo da procura pelo serviço. Destacaram-se a predominância do sexo feminino no público adolescente e adulto, e prevalência do sexo masculino no público infantil masculino.

O estudo de Neumann e Wagner (2015) investigou a clientela atendida em terapia familiar em uma clínica-escola de Porto Alegre a partir da percepção dos integrantes dessas famílias. Foram entrevistados 41 adultos encaminhados para terapia familiar e os resultados demonstraram que as famílias convivem com os problemas por um longo período antes de buscar ajuda, sendo as mulheres as que mais buscaram essa ajuda e tentaram solucionar os problemas antes de chegar à terapia familiar. A maioria das queixas esteve centrada nos filhos, mas as causas eram atribuídas a dificuldades no exercício parental. Ainda nessa temática, Juras e Costa (2017) elaboraram um estudo qualitativo sobre parentalidade e conjugalidade a partir de pais e mães separados e de baixa renda, discutindo as discrepâncias presentes nessas configurações familiares.

O trabalho de Maggi et al. (2016) analisou a população encaminhada à clínica-escola, no momento da triagem, com ênfase nas condições de vulnerabilidade. Foram analisadas 120 fichas de triagem correspondentes aos atendimentos realizados em 2012, nos quais se constatou que o gênero masculino foi o mais frequente e a idade média dos usuários foi de dez anos, com 50% apresentando queixas escolares. O principal encaminhamento realizado foi a psicoterapia individual, em 89,2% dos casos, como forma de proteção à saúde mental diante do contexto vulnerável apresentado pelos usuários.

Finalmente, temos, ainda na área da clientela infantil, o estudo de Ferreira et al. (2016), que avaliou a relação entre problemas de sono e problemas de comportamento em crianças pré-escolares. Participaram 83 mães de crianças atendidas em uma clínica-escola de psicologia. Foi encontrada uma associação entre problemas de sono e comportamentos internalizantes e externalizantes. Cerca de 29% das crianças apresentaram problemas com o sono, sendo os mais comuns "não querer dormir sozinho" e "resistir a ir para a cama".

O estudo de Ribeiro, Freitas e Souza (2016) analisou se houve aumento de adultos na

meia-idade e na velhice atendidos em um serviço-escola de psicologia entre 2005 e 2014 e o que os levou a procurar o serviço. Foram examinados os registros de 18 idosos e 34 adultos na meia-idade e constatou-se que não houve aumento na proporção de clientes nesta faixa etária no período estudado. Os principais motivos para a busca por atenção psicológica foram sintomas depressivos e de ansiedade, prejuízos funcionais e cognitivos, comorbidades, encaminhamento médico e conflitos familiares e conjugais.

A pesquisa de Schlindwein et al. (2017) teve como objetivo identificar pacientes que apresentam queixas relacionadas ao trabalho em uma universidade federal da região Amazônica. A partir da análise de prontuários, verificou-se que dos 672 pacientes, 94 (13,9%) deles apresentaram queixas envolvendo o trabalho. As mulheres apresentaram maior prevalência nos atendimentos, mas são os homens que relataram mais sintomas físico-psicológicos. Os resultados indicaram a necessidade de uma Clínica do Trabalho no Serviço de Clínica-escola, que incluía uma linha de cuidados/escuta que evidencie a relação do sujeito com seu trabalho, a fim de tratar o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho de forma mais abrangente.

Em outro estudo, Vagostello *et al.* (2017), fizeram uma caracterização da clientela infantil em uma clínica-escola na cidade de São Paulo. Do total de crianças (N=150), 67,4% eram do sexo masculino. As queixas escolares foram frequentes tanto para meninos quanto para meninas, assim como, as de reações emocionais às relações familiares. O índice de evasão foi de 51,3%, embora condizente com o que acontece em outras pesquisas de mesma natureza. Os diagnósticos mais frequentes retratados nessa publicação foram de reações emocionais às relações familiares.

Para Rocha e Rosa (2019), as clínicas de psicologia têm se deparado de maneira cada vez mais frequente com sintomas enquadrados no diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o qual tornou-se uma das patologias mais comuns no séc.XXI. Com o objetivo de verificar se o mesmo acontecia na Clínica Escola de Psicologia da PUC-RS, campus Toledo/PR, foi feita uma pesquisa documental nas triagens e prontuários da população infantil nela atendida. Desse modo, constatou-se que o espaço central no diagnóstico era ocupado pelos sintomas, relegando a subjetividade da criança à margem do processo.

Quanto aos demais estudos que trataram da clientela adulta e idosa, destacam-se o de Prochnau e Sausen (2019), que investigaram os psicofármacos utilizados no tratamento de psicopatologias de homens adultos atendidos em uma Clínica Escola de uma universidade. Foram atendidos 29 homens com média de idade de 34 anos, e as classes de psicofármacos citadas foram antidepressivos, antipsicóticos e ansiolíticos. Na pesquisa, onze indivíduos

administravam antidepressivos e doze não utilizavam medicação.

Veríssimo e Serralha (2020) identificaram as condutas e a evolução dos casos de crianças atendidas em um serviço-escola de psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Foram analisados 60 prontuários, que datavam de 2013 a 2017, na faixa etária de 7 a 12 anos incompletos, e tinham como queixa principal a dificuldade escolar. O perfil que apareceu com mais frequência foi o de meninos estudantes de escolas públicas, que foram atendidos na modalidade de psicodiagnóstico. Percebeu-se alta desistência, culpabilização da criança e da família e, ainda, pouco contato com a escola.

O texto de Farias *et al.* (2021) apresentou um estudo sobre os encaminhamentos da Atenção Primária à Saúde (APS) do município de Sobral-CE ao serviço-escola de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Notou-se que os psicólogos são os profissionais que mais encaminham pacientes para o serviço, enquanto os médicos apresentaram dificuldade em lidar com questões "só psicológicas". O estudo destacou a importância da clínica individual, embora aponte para a necessidade de se ampliar as intervenções em saúde mental em outros níveis da rede de assistência.

Na área da clientela é possível notar várias semelhanças em dados de caracterização do público atendido, corroborando um perfil razoavelmente similar composto por atendimentos infanto-juvenis, de mulheres adultas e de classe social mais baixa; assim percebeu-se que os serviços-escola estão inseridos socialmente nos mesmos tipos de espaço (os grandes centros brasileiros), e são acessados pelas comunidades em que se situam.

## **4.2 Intervenções**

Os processos interventivos realizados em clínicas-escola brasileiras abordaram uma grande variedade de modalidades de atendimento, tais como Plantão Psicológico (SOARES, 2019; DOESCHER; HENRIQUES, 2012; BARBOSA; CASARINI, 2021), Psicodiagnóstico e Psicoterapia. Dentre as publicações sobre psicoterapia, prevaleceram os trabalhos de viés psicanalítico (FRANCO; SEI, 2015; OSTI; SEI; ZANETTI, 2016; SILVA *et al.*, 2020), que evidenciaram predominância dessa abordagem nas clínicas-escola estudadas.

Uma visão ampla das modalidades de atendimento oferecidas por clínicas-escola foi apresentada em quatro estudos. A pesquisa de Amaral *et al.* (2012) teve como objetivo descrever publicações científicas sobre as práticas dos serviços-escola de psicologia. Foram destacadas as práticas, dinâmicas desse modelo de atendimento, além da descrição da clientela e do trabalho com orientação profissional, triagem, plantão e acolhimento. Destacou-se a

importância de elaborar estudos para caracterizar os serviços, fornecendo informações que possam auxiliar as instituições a planejar ou reestruturar o atendimento à comunidade e o treinamento dos alunos. Assim, as autoras argumentaram que os serviços-escola desempenham um papel social relevante ao oferecer atendimento psicológico à população e promover a vivência dos procedimentos estudados em sala de aula. O trabalho de Galindo, Tamman e Sousa (2019) abordou as modalidades de atendimento oferecidas pelos serviços- escola de Psicologia à população, considerando as mudanças sociais, históricas e políticas no contexto brasileiro. O estudo consistiu em uma análise descritiva quantitativo-qualitativa da produção científica (de 2011 a 2015) sobre o tema. Foram identificados 24 artigos que foram sistematizados em três categorias: Atividades educacionais, autoavaliação e clínicas. Constatou-se que as publicações abordaram principalmente atividades educacionais e clínicas, que representam a maior parte dos artigos.

No artigo de Gomes e Magda (2016), foram discutidas as práticas nos Serviços Escola de Psicologia (SEP) no contexto da formação de psicólogos para as políticas de saúde e assistência social. A pesquisa contou com a participação de 57 estagiários e 24 ex-alunos de quatro SEP no Rio Grande do Norte (RN). Um questionário foi utilizado como instrumento, aplicado aos estudantes em estágio e enviado aos ex-alunos concluintes. Os resultados indicaram a predominância do modelo de atenção baseado na psicologia clínica tradicional, embora haja uma tímida articulação com as redes de saúde e assistência social. Diferentes modalidades de práticas foram identificadas, além de psicoterapias e avaliação psicológica. No entanto, os SEP ainda permanecem isolados tanto de outros cursos profissionais quanto dos serviços de saúde e assistência social. Fam e Neto (2019) realizaram uma análise das práticas de uma clínica-escola de psicologia no estado de Minas Gerais. Foi possível notar, sob a perspectiva epistemológica de Michel Foucault, que a instituição apresentava algumas dificuldades relacionadas à baixa conexão entre teoria e prática, como também uma escassa articulação com os serviços internos e externos à universidade, o que a desafiava, segundo os autores, a rever as suas práticas.

Nos trabalhos que discutiram a aplicação da leitura psicanalítica nas intervenções em clínica-escola, Osti, Sei e Zanetti (2016) puderam fazer reflexões teóricas a partir de um atendimento realizado com um casal na clínica-escola de uma universidade. Segundo as autoras, o processo terapêutico do casal, discutido pelo viés psicanalítico, possibilitou perceber que o principal fator para os impedir de tratar questões conjugais estava relacionado ao conceito psicanalítico da resistência. Ademais, segundo elas, o atendimento em questão foi benéfico ao casal atendido. Bisol, Alquatti e Gonem (2017) abordaram a prática da psicanálise clínica

escola, estendendo essa reflexão para a as discussões sobre como o ensino de psicanálise pode se contextualizar na universidade. Similarmente, Da Silva et al (2018) aprofundaram uma reflexão sobre estudo e aprendizado da psicanálise na universidade, evidenciando as discrepâncias presentes no contexto de prática dessa abordagem. Silva et al. (2020) trataram o processo de triagem na clínica-escola, em um relato de experiência a partir da clínica da psicanálise e dos desdobramentos teóricos advindos dessa área. Ademais, Albuquerque Junior, Paravidini e Prochno (2018) publicaram sobre uma experiência psicanalítica ocorrida numa clínica-escola no estado de Minas Gerais que resultou em uma reflexão teórica sobre maternidade e feminilidade.

Dentre as modalidades de intervenção propriamente ditas, o Plantão Psicológico é uma intervenção que se sobressaiu. Doescher e Henriques (2012) promoveram uma reflexão sobre o plantão psicológico a partir da perspectiva do encontro do terapeuta e do paciente, enfatizando as especificidades e possibilidades desse modelo de atendimento. O texto de Dantas *et al.* (2016) descreveu a reimplantação do Plantão Psicológico na Clínica Escola da UFC em 2015, que oferecia atendimentos emergenciais à comunidade sem necessidade de agendamento prévio. O projeto priorizava o fortalecimento de parcerias com instituições de saúde do Estado e a otimização da fila de espera da clínica, visando atendimento imediato e de qualidade. O Plantão Psicológico era visto como uma referência no Estado do Ceará, ampliando as possibilidades de escuta clínica e estabelecendo diálogo e intervenção efetiva junto à comunidade.

Soares (2019) elaborou um trabalho sobre plantão psicológico em Gestalt que refletiu sobre esse modelo de atendimento fundamentando-o como prática social e política. Nunes e Morato (2020), discutiram a experiência de plantão psicológico com estagiários nos anos iniciais da graduação; percorrendo uma reflexão metodológica sobre esse modelo de atendimento na clínica-escola. Barbosa e Casarini (2021) discutiram o modelo de atendimento do plantão psicológico humanista-fenomenológico baseando-se na análise de conteúdo de atendimentos realizados em clínica-escola e nas contribuições da psicologia humanista-fenomenológica.

No que tange às psicoterapias individuais, Honda e Yoshida (2012) discutiram sobre avaliação de mudança em processos terapêuticos de pacientes adultos em fase final de tratamento em clínica escola. Com uso de ferramentas de avaliação, elas puderam notar que é possível alcançar melhora nos sintomas dos pacientes, bem como um progresso nos estágios de mudança; e assim apontaram a necessidade de estudos que avaliem os processos terapêuticos desde o início. Camicia, Silva e Schmidt (2016) discutiram sobre um caso de atendimento

individual realizado sob a perspectiva sistêmica em uma clínica escola da região Sul do Brasil. Foram abordados aspectos transgeracionais nesse processo terapêutico, de modo que houve resultados benéficos nos relacionamentos da vida da paciente atendida.

O estudo de Bacelar *et al.* (2020) analisou a influência da psicoterapia na qualidade de vida e satisfação com a vida de pacientes atendidos por acadêmicos em uma clínica-escola. Onze pacientes de 20 a 70 anos foram avaliados antes e depois da intervenção e foi observado um aumento significativo na satisfação com a vida e nos domínios físico e psicológico da qualidade de vida. Os resultados corroboraram estudos similares e sugerem a necessidade de novas investigações neste contexto desafiador.

Ainda em se tratando das psicoterapias, houve alguns estudos sobre o atendimento de crianças. No estudo de Coral e Röhnelt (2012) foi investigada a capacidade de mentalização de pré-adolescentes em contexto de separação conjugal conflitiva e a possibilidade de desenvolvimento dessa capacidade no processo terapêutico. Realizado em clínica-escola, envolveu dois pré-adolescentes e seus pais, e mostrou mudanças na função reflexiva e capacidade de mentalização após cinco meses de psicoterapia, com avaliação inicial indicando capacidade limitada ou ausente. Rodrigues e Mishima-Gomes (2013) apresentaram o caso de uma menina de oito anos de idade, atendida em consultas terapêuticas na clínica-escola de uma universidade pública. A procura pelo atendimento foi realizada pela mãe, que relatou como principais queixas humor deprimido, dores no peito e temperamento difícil. O manejo clínico e as experiências constitutivas do si mesmo por meio do brincar compartilhado possibilitaram à criança a expressão do gesto espontâneo, da criatividade e de uma maior confiança na própria capacidade.

Em estudo teórico-clínico Osti e Sei (2017) discutiam o papel da família na psicoterapia de crianças, com um foco na psicoterapia psicanalítica, partindo da análise do caso de uma menina de 7 anos atendida em um serviço-escola de psicologia. A menina foi trazida pelos pais com queixas de adequação à escola e falas depressivas ligadas ao suicídio, mas notou-se também dificuldade dos pais em lidar com a situação. Foram feitos atendimentos com os pais e com a criança, que culminaram em melhoras para a criança e diminuição da angústia dos pais. O trabalho de Leitão e Cacciari (2017) tratou de questões relevantes para a psicanálise com crianças, como o conceito de repetição e o brincar. Foi analisado um caso clínico fruto de um atendimento psicológico em uma clínica-escola de um curso de psicologia. Os autores pretenderam demonstrar que é possível dar voz ao sujeito para além da alienação de quem o traz para o processo analítico, preservando assim a subjetividade da criança.

Já, Oliveira, Pereira e Bottega (2017), analisaram um caso clínico apresentado em uma

clínica-escola, à luz da Análise Aplicada do Comportamento. A família da paciente de 8 anos, foi utilizada como importante mediadora para o desenvolvimento e implementação de rotinas para a melhora do quadro de enurese da criança. O caso se desenvolveu ao longo de 52 sessões, e avaliação apontou para intervenção na área de autocuidados, pautando-se principalmente em manejos comportamentais positivos, auto registro e treino da musculatura pélvica, o que culminou na eliminação do quadro.

Santos e Vasconcelos (2018) acompanharam o caso de uma criança atendida em uma clínica-escola vinculada a uma IES no nordeste do país. A criança chegou com demandas relativas a queixas escolares e comportamentos hostis em relação à família. O decorrer do atendimento psicoterápico do paciente foi analisado através do referencial teórico do psicodrama. Se valendo no lúdico, na brincadeira de “casinha”, a criança dirigiu várias atitudes agressivas das suas personagens (mãe, avó, filha) em relação às personagens do estagiário (pai, avô). Formou-se na clínica um espaço de catarse, espontaneidade criativa, economia da ação e expressividade.

As intervenções voltadas a adolescentes e idosos são poucas, especialmente levando-se em conta que o Brasil passa por transição demográfica. Wilke e Kussler (2013) realizaram um trabalho com um paciente homem, idoso, que sofreu abuso sexual infantil. As autoras pautaram-se na Terapia Sistêmica para esse atendimento individual. Elas indicaram que o processo possibilitou o ganho de vitalidade do paciente. Neves e Calais (2012) discorreram sobre o manejo do diagnóstico de incontinência fecal na adolescência. O estudo dos autores da psicologia comportamental acompanhou o caso de um adolescente durante 14 meses e, usando as técnicas de manejo da Terapia Comportamental, consolidou o fim da incontinência.

Dois trabalhos foram dedicados ao estudo da desistência em clínicas-escola. O artigo de Pureza, Oliveira e Andretta (2013) buscou identificar fatores relacionados ao abandono terapêutico na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) em uma clínica-escola. Foram analisados dados de 63 pacientes atendidos na TCC, comparando-se aqueles que abandonaram o tratamento com os que permaneceram. Os pacientes que abandonaram o tratamento compareceram a um número menor de sessões, sugerindo que a maioria dos pacientes abandonam a TCC nas sessões iniciais. Assim, evidenciou-se que a falha na boa relação terapêutica ou o uso de hipóteses terapêuticas equivocadas podem levar ao abandono nas sessões iniciais. O estudo de Sei e Colavin (2016) objetivou mapear o índice de desistência e abandono dos atendimentos psicológicos em um serviço-escola de Psicologia de uma universidade pública no Paraná. A pesquisa revelou que houve um total de 24% de desistência do processo de psicoterapia durante o tratamento.



Apesar de os serviços-escola de Psicologia permitirem o acesso da população aos atendimentos psicológicos, há uma forte presença de desistências e abandonos por parte do público que busca ajuda. Seria importante oferecer intervenções mais específicas para melhor contemplar as demandas dessa população e diminuir a porcentagem de desistência.

Há, ainda, trabalhos sobre avaliação psicológica, como o de Evangelista (2016) que elaborou uma reflexão teórica sobre o psicodiagnóstico interventivo, contrapondo-o ao modelo tradicional. O artigo de Batista, Gonçalves e Andrade (2015), apresentou uma avaliação psicopedagógica de um menino de 9 anos com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, desatenção e dificuldades de aprendizado. Foram utilizados oito instrumentos de avaliação, que indicaram atraso na aprendizagem da escrita, dificuldades cognitivas e motoras, e vínculos saudáveis e comprometidos em diferentes áreas da vida da criança. A avaliação permitiu uma análise abrangente e encaminhamentos baseados nos resultados alcançados. No trabalho de Borsa *et al.* (2013b) foi realizada uma exposição sobre um serviço de uma clínica-escola, na região Sul do Brasil, que é especializada em avaliação psicológica; os autores fizeram uma breve apresentação do serviço e de alguns dados da clientela atendida na instituição. Ademais, eles almejam que o trabalho incentive o surgimento de mais clínicas-escola que tenham foco em avaliação psicológica.

Outros trabalhos apresentaram técnicas específicas, como o artigo de Franco e Sei (2015) que analisou o uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. Os autores indicaram que o genograma é uma técnica rica para acessar a dinâmica familiar no processo terapêutico, como também para auxiliar na elaboração de hipóteses sobre o funcionamento dos sujeitos atendidos. Pardo *et al.* (2015) evidenciaram em seu trabalho a relevância de uma melhor exploração da entrevista inicial, que mostrou alta correlação com a intervenção e com o aprofundamento dos relatos de pais durante o atendimento a esse público.

O artigo de Franco, Almeida e Sei (2016) discutiu o uso de recursos artístico-expressivos na terapia familiar, apresentando aspectos teóricos e uma ilustração clínica de uma família acompanhada em um serviço-escola de Psicologia. A metodologia foi qualitativa e destacou o potencial da arteterapia em intervenções familiares, favorecendo a comunicação dos participantes e a elaboração de questões relevantes ao grupo familiar. Pavoski *et al.* (2018) avaliaram a eficácia do Método Friends, uma estratégia de desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de resiliência, que são muito úteis para lidar na infância com traços que apontam para o desenvolvimento de ansiedade e depressão. A amostra consistiu de 10 crianças de ambos os sexos e idades entre 6 e 7 anos, atendidas em uma clínica escola em uma cidade no interior do Paraná. De modo geral, através do instrumento de avaliação CBL, observou-se a

eficácia do método.

Sobre trabalhos relacionados a intervenções grupais, Henriques, Moreno e Barcelos (2021) publicaram um artigo sobre uma experiência com um grupo de mulheres com queixa de depressão, utilizando uma oficina psicoterapêutica winnicottiana denominada “Caixa de Lembranças”. Segundo as autoras, a vivência apontou a necessidade de intervenções individuais, tendo em vista a particularidade de cada caso, o que não consiste em indicar ineficácia da oficina; pois foi possível notar mudanças nas participantes a partir da intervenção. Anteriormente, Lima, Martins, Rocha, Parente Jr, de Castro, Pinheiro & Domingues (2013) apresentaram uma intervenção com adolescentes numa clínica-escola da região Nordeste. As autoras pontuaram que as possibilidades abertas com essas práticas clínicas permitem uma melhor relação com o aprender de habilidades sociais para esse público.

Santana *et al.* (2014) publicaram sobre duas intervenções cognitivo-comportamentais realizadas em clínicas-escola universitárias. A primeira foi uma atividade grupal psicoeducativa em Recife (PE), visando promover a saúde e integração dos estudantes de psicologia. Foram realizados cinco encontros semanais de uma hora, envolvendo relaxamento e discussões sobre os desafios da formação em psicologia. O segundo relato descreveu dois grupos terapêuticos em Natal (RN) com pacientes com ansiedade social, resultando em redução da ansiedade e maior extroversão. Ambas as experiências contribuíram para a assistência aos universitários e a qualificação profissional dos estudantes de psicologia.

O estudo de Costa, Silva e Silveira (2018) investigou as práticas grupais na intervenção psicológica em áreas clínicas e institucionais e sua importância na formação de psicólogos. Realizou-se uma pesquisa documental dos prontuários e relatórios do estágio de Processos Grupais em uma Clínica Escola de Psicologia. Os dados foram analisados qualitativamente e verificou-se que as modalidades grupais predominantes foram as institucionais, em detrimento da intervenção psicológica clínica. No entanto, ambas as modalidades foram benéficas para os usuários e estagiários, proporcionando experiências terapêuticas e de formação em grupo. O artigo de Barbosa et al. (2021) analisou a experiência de um grupo de apoio psicológico desenvolvido em uma clínica-escola de Psicologia na região Norte do Brasil, voltado para trabalhadores desempregados. Foram realizados sete encontros, envolvendo participantes de 37 a 51 anos de idade, sendo dois homens e três mulheres, com períodos de desemprego variando de oito meses a dois anos. A situação de desemprego gerou sentimento de perda, humilhação e exclusão social, refletindo no estado de humor, ansiedade e estresse dos participantes. Concluiu-se que a Psicologia pode fornecer suporte por meio de uma escuta acolhedora e compreensiva dos impactos psicológicos do desemprego e do mundo do trabalho.

Segundo Corrêa (2019), o Serviço de Psicologia Aplicada - SPA de Roraima/RO, que atende à população, estava permeado por um discurso individualizante. Acompanhando cinco crianças que necessitavam de intervenções devido a queixas escolares, ficou claro que os pacientes ainda eram tratados a partir de uma teoria reducionista. Mesmo havendo uma multiplicidade de fatores que influenciavam no desenvolvimento escolar das crianças, muitos desses fatores não foram considerados no planejamento das intervenções. A perspectiva crítica usada para acompanhar os atendimentos apresentou potencial de mudança, e a longo prazo, há expectativas de um efeito maior das intervenções.

Portanto, é interessante notar que as publicações sobre intervenções são coincidentes às publicações que debatem a clientela atendidas por clínicas-escola (uma vez que se trata de público semelhante ao que foi pesquisado nas publicações sobre clientela), corroborando a ideia de que a inserção delas nas comunidades brasileiras se dá com uma população com tendência à uniformidade de perfil sociodemográfico. Adicionalmente, cabe destacar que as áreas onde essas intervenções publicadas no Brasil são mais numerosas correspondem às regiões onde o país é mais populoso e povoado.

#### **4.3 Terapeutas: supervisores e estagiárias(os)**

Os estudantes e professores responsáveis pelas atividades dos serviços-escola são parte importante de seu funcionamento, mesmo assim existem poucos estudos voltados para este segmento. Entre os estudantes é possível que haja um crescimento e encantamento pela psicologia como relatam Macêdo, Nunes e Duarte (2021), o que é, até certo grau, corroborado por Oliveira *et al.* (2014) que apontam que a supervisão brasileira é bem avaliada. Por outro lado, atender pode ser um estressor para o qual não existe maneira de se preparar. Gomes e dos Reis (2022), ao discutirem as emoções pelas quais os estudantes passam durante os estágios, registraram vivências de ansiedade, medo, insegurança e nervosismo, demonstrando o quanto o processo de estágio clínico modifica tanto o usuário do serviço quanto a pessoa que o está prestando.

Marcos (2012) relatou uma pesquisa sobre o ensino de psicanálise no contexto universitário, focando-se na relação de supervisão bem como nas possíveis formas de aprendizagem e construção de saber nesse ambiente. Flores e Pedrosa (2014) refletiram sobre o processo de triagem em clínicas-escola a partir da percepção de profissionais que realizam a supervisão, em uma pesquisa qualitativa. Neste mesmo ano, Oliveira *et al.* (2014) realizaram estudo quantitativo sobre supervisão em clínicas-escola que foi elaborado com questionário

online e respondido por supervisores e estagiários de todo o Brasil. A pesquisa evidenciou que a dinâmica da supervisão brasileira em clínicas-escola tem boa avaliação, apesar de divergências entre os grupos consultados na pesquisa.

Carvalho *et al.* (2015) realizaram uma pesquisa com estagiários de psicologia de uma clínica-escola do estado do Ceará acerca da ética do cuidado, fundamentando-se em uma discussão que evidencia o acolhimento como um dos pontos centrais da ética na prática psicológica. Pereira e Kessler (2016) refletiram sobre a psicanálise no contexto da clínica na universidade; ressaltando as questões referentes ao processo psicanalítico na perspectiva do estudante em seu primeiro atendimento, bem como as problemáticas epistemológicas da supervisão nesse contexto. Fontgalland, Moreira e Melo (2018) abordaram a atitude empática com psicoterapeutas iniciantes da abordagem humanista-fenomenológica, sendo discutidas as percepções desse público em suas experiências na clínica-escola.

Macêdo, Nunes e Duarte (2021) discorreram sobre a escuta clínica no serviço-escola de atendimento em clínica-escola por meio de uma pesquisa com estudantes de uma universidade do estado de Pernambuco. Ainda nesse ano, Melo, Souza e Nunes (2021) exploraram as vivências de estudantes de psicologia na condução de grupos com outros universitários, os desdobramentos dessas experiências e as possíveis contribuições à formação e à assistência advindas desses encontros.

Outrossim, no intuito de sondar as vivências dos estagiários, Silva, Delmondes e Ávila (2022) publicaram sobre o contexto de pandemia do coronavírus no ambiente da clínica-escola, explorando as perspectivas desafiadoras de duas estudantes, que relataram suas vivências nesse artigo. Finalmente, Gomes e Reis (2022) discutiram sobre a vivência de estagiários de psicologia da abordagem psicanalítica, a partir de uma pesquisa qualitativa que evidencia as emoções presentes nos estudantes que atendem nessa abordagem.

As pesquisas sobre a experiência de atendimento em clínicas-escola vivida na perspectiva dos profissionais e graduandos que atendem a comunidade cumprem uma demanda importante, principalmente se considerarmos que os estagiários de psicologia também são clientela, tendo em vista seus processos educacionais (AMARAL *et al.*, 2012), sendo bastante oportuno esse aumento de publicações relacionadas a esse tópico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio promove um elo entre a formação e a prática profissional, estabelece um compromisso entre a instituição formadora e o atendimento às demandas da sociedade e faz um elo entre as atividades acadêmicas e profissionais, configurando um espaço privilegiado de articulação entre ensino, pesquisa e extensão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Ao analisar o desenvolvimento das obras publicadas sobre o contexto de clínicas- escola brasileiras, que foi o objetivo do presente trabalho, percebemos que os artigos encontrados cumprem o papel de levantar discussões sobre questões essenciais para o bom funcionamento dos serviços-escola, o que é um primeiro passo em direção ao aperfeiçoamento da prática em psicologia nesse espaço, pois eles partem do conhecimento constante acerca da população atendida, das demandas da comunidade em que se inserem. A atenção voltada aos usuários dos serviços promove um avanço significativo para o atendimento à comunidade, pois discutir sobre o perfil dos pacientes possibilita intervenções mais assertivas e abre caminhos de diálogo entre a universidade e os sujeitos para quem o conhecimento produzido nela deve servir. Para além disso, o retorno dos estudos envolvendo a clientela contribui para um acordo importante entre a ciência psicológica e as necessidades das comunidades nas quais ela está presente enquanto universidade.

Os estudos sobre intervenções evidenciam a preocupação com a pesquisa, mas sobretudo, com a validade e com a eficácia das intervenções oferecidas, uma vez que o contato da psicologia com a comunidade se dá nos serviços-escola através das intervenções feitas por professores e alunos (como psicoterapia individual, psicoterapia em grupo, psicoeducação, psicodiagnóstico). Ao longo do tempo, as estratégias presentes na prática mudam, não apenas devido ao avanço da teoria, mas também como resultado do retorno que a comunidade oferece a respeito do serviço prestado. No caso específico do Brasil, é comum que o conhecimento adotado não seja gerado no país, o que faz necessária a sua adaptação ao contexto brasileiro. Para que isso aconteça é preciso criar uma via de mão dupla onde a universidade adote a teoria e as pessoas beneficiadas forneçam o retorno da técnica e do processo como um todo.

É sabido que o corpo responsável pelas diversas estratégias e métodos aplicados nos serviços-escola (os terapeutas), enfrenta diversos desafios que vão além da simples aplicação da técnica e transmissão do conhecimento. Os estagiários passam por um processo árduo no

aprendizado do fazer da psicologia e enfrentam angústias inerentes ao processo de aquisição e exercício da teoria. Os supervisores, no intuito de formar satisfatoriamente seus estagiários, passam por várias revisões e críticas do processo de ensino, e sucessivas reestruturações das estratégias usadas para este fim. Assim, Os terapeutas, sendo eles estudantes ou professores- supervisores, constituem uma peça fundamental no funcionamento das clínicas-escola, tendo em vista que elas existem devido ao contexto formativo universitário. Ademais, nota-se que quando os acadêmicos atuam sob o amparo da universidade, a pesquisa se torna mais oportuna e possibilita um avanço que gera ganhos que retornam ao espaço do ensino que a própria universidade engloba em seus pilares.

Finalmente, é possível notar nas obras publicadas no Brasil uma variedade de experiências presentes nos serviços-escola de psicologia, o que valida esse espaço formativo como um ambiente fecundo para o desenvolvimento dessa área enquanto ciência e profissão.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, A. J. DE; PARAVIDINI, J. L. L.; PROCHNO, C. C. S. C. Uma experiência psicanalítica na clínica escola. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 98–108, 2018.
- AMARAL, A.E.V. et al. Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. **Boletim de Psicologia**, v. 62, n. 136, p. 37-52, 2012.
- ANCONA-LOPEZ, M. Clínica psicológica: Espaço de tensões. **Resumos da XXV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, 71, 1995.
- AQUINO, N. C. G.; SEI, M. B., Fatores terapêuticos em grupos abertos: um estudo qualitativo. **Vínculo**, Jun 2020, vol.17, no.1, p.97-118. ISSN 1806-2490
- BATISTA, L. S.; GONÇALVES, B.; ANDRADE, M. S. DE. Avaliação psicopedagógica de criança com alterações no desenvolvimento: relato de experiência. **Psicopedagogia**, p. 326–335, 2015.
- BAPTISTA, M.N., CAMPOS, D. C. **Metodologias de Pesquisa em Ciências - Análise Quantitativa e Qualitativa**. Gen, 2016.
- BOAZ, C.; NUNES, M. L. T.; HIRAKATA, V. N. A Problemática do Desenvolvimento de Crianças assistidas por Clínicas-Escola Brasileiras mudaram no decorrer das décadas?. **Psico**, v. 43, n. 3, 2012.
- BACELAR, T. D. et al. Satisfação e qualidade de vida em psicoterapia: um estudo piloto em clínica-escola. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, p. 327–338, 2020.
- BARBOSA, F.; CASARINI, K. A. Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola. **Psicologia em Estudo**, p. e46700 v. 26, 19 jul. 2021.
- BARBOSA, E. A. G. et al. Grupo de Apoio Psicológico aos Trabalhadores em Situação de Desemprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, 2021.
- BISOL, C. A.; ALQUATTI, R.; GONEM, T. C. Encontro com a Psicanálise: experiências de estágio em uma clínica-escola. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 1200–1216, set-dez. 2017.
- BORSA, J. C. et al. Caracterização da Clientela Infanto-Juvenil de uma Clínica-Escola de Avaliação Psicológica de uma Universidade Brasileira. **Psico**, v. 44, n. 1, pp. 73-81, 2013.
- BORSA, J. C. et al. Centro de Avaliação Psicológica - CAP: uma clínica-escola especializada em avaliação e diagnóstico psicológico. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 101–114, jun. 2013.
- BORTOLINI, M. et al. Perfil de pacientes atendidos através da terapia cognitivo-comportamental em uma clínica-escola. **Contextos Clínicos**, v.4, n.2, p.132-138, 2011. doi: 10.4013/ctc.2011.42.07

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação de Psicologia**. Parecer CNE/CES nº 338/2009, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 7 de fevereiro de 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação de Psicologia**. PARECER CNE/CES Nº: 1071/2019, aguardando homologação.

CAMICIA, E. G.; SILVA, S. B. DA; SCHMIDT, B. Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. **Pensando famílias**, v. 20, n. 1, p. 68–82, 1 jul. 2016

CARVALHO, L. B. et al. A ética do cuidado e o encontro com o outro no contexto de uma clínica-escola em fortaleza. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 21, n. 1, p. 01-12, 1 jun. 2015.

CAUTIN, R.L. A century of psychotherapy. In J.C. Norcross, G.R. Vandenbos, & D.K. Freedheim (Eds.). **History of psychotherapy** – continuity and change. (p. 3-38). American Psychological Association, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola**. Brasília, 2013.

CORRÊA, P. V. Escuta histórico-cultural de dificuldades de aprendizagem: multiplicidade da experiência habitada no discurso. **Psicologia da Educação Online**, [s. l.], v. 49, p. 41 - 48, jan/dez 2019.

COSTA, J. T.; SILVA, F. S. D.; SILVEIRA, C. A. B. As práticas grupais e a atuação do psicólogo: intervenções em grupo no Estágio de Processos Grupais. **Vínculo**, v. 15, n. 2, p. 57–81, 2018.

DANTAS, J. B. et al. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de psicologia** (Fortaleza, Online), p. 232–241, 2016.

DOESCHER, A. M. L.; HENRIQUES, W. M. Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. **Psicologia em Estudo**, v. 17, p. 717–723, 1 dez. 2012.

EVANGELISTA, P. O psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial grupal como possibilidade de ação clínica do psicólogo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 22, n. 2, p. 219–224, 1 dez. 2016.

FAM, B. M.; NETO, J. L. F. Análise das Práticas de uma Clínica-Escola de Psicologia: Potências e Desafios Contemporâneos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 1-16, jan-mar. 2019.

FARIAS, I.C., VIEIRA, C.A.L. Encaminhamentos da Atenção Básica a uma Clínica-Escola de Psicologia. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14, n. 1, 2022, p. 157-169. doi: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v14i1.1273>



FARIAS, I. C. et al. “Médico Disse que Era Só Psicológico”: Analisando o Lugar da Psicologia no Campo da Saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 1127–1143, 6 out. 2021.

FERREIRA, R. E. R. et al. Sono e Comportamento em Crianças Atendidas em Um Serviço de Psicologia. **Psicologia - Teoria e Prática**, v. 18, n. 2, p. 159–172, 30 ago. 2016.

FLORES, E. R. M.; PEDROSO, J. DA S. Triagem em clínica escola: estudos das diversas práticas. **Psicologia argumento**, v. 32, p. 59–66, jul-set. 2014.

FONTGALLAND, R. C.; MOREIRA, V.; MELO, C. DE F. A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 1, p. 5–20, 2018.

FRANCO, R. DA S.; ALMEIDA, M. C. S. DE; SEI, M. B. Recursos artístico-expressivos na terapia familiar: um estudo teórico-clínico. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 15, p. 40–52, 2016.

FRANCO, R. DA S.; SEI, M. B. O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 399–414, 1 dez. 2015.

GALINDO, W. C. M.; TAMMAN, B. F.; SOUSA, T. B. DE S. E. Estratégias formativas em serviços-escola de psicologia: revisão bibliográfica da produção científica. **Psicologia, ciência e profissão**, p. 1–15, jan-mai. 2020.

GALINDO, W. C. M.; SOUSA, T. B. DE S. e; TAMMAN, B. F. Modalidades de atendimento à população por serviços-escola de Psicologia: panorama das publicações. **Gerais (Universidade Federal de Juiz de Fora): Revista Interinstitucional de Psicologia**, p. 371–388, jul. 2019.

GOMES, A. K. S.; REIS, M. E. B. T. dos. Emoções vivenciadas pelos psicoterapeutas-aprendizes nos serviços-escolas: uma leitura psicanalítica. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. e48423, 16 mar. 2022

GOMES, M. A. F.; DIMENSTEIN, M. Serviço escola de psicologia e as políticas de saúde e de assistência social. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 4, p. 1217–1231, 2016.

HONDA, G.C., YOSHIDA, E.M.P. Mudança em Pacientes de Clínica-escola: Avaliação de Resultados e Processos. **Paidéia**, v. 22, n.51, p.73-82, 2012.

JURAS, M. M.; COSTA, L. F. Não foi bom pai, nem bom marido: Conjugalidade e parentalidade em famílias separadas de baixa renda. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. e32ne215, 2016.

LEITÃO, I. B.; CACCIARI, M. B. A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. **Estilos da Clínica**, v. 22, n. 1, p. 64, 12 jul. 2017.

LEPPER, G., RIDDING, N. **Researching the psychotherapy process**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

LIMA, M. C. P. et al. Arte e mediação terapêutica: sobre um dispositivo com adolescentes na

clínica-escola. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 13, n. 3-4, p. 775–796, 1 dez. 2013.

LÖHR, S., SILVARES, E. Clínica-escola: Integração da formação acadêmica com as necessidades da comunidade. In SILVARES, E. (Org.), **Atendimento psicológico em clínicas- escola**. (pp. 11-22). Campinas: Alínea, 2006.

MACEDO, S.; SOUZA, M. P. G. DE; NUNES, A. L. P. Experiências de Estudantes de Psicologia ao Conduzir Grupos com outros Universitários. Phenomenological studies – Revista de abordagem Gestáltica, v. 27, n. 2, p. 147–158, 2021.

MACÊDO, S., FARINHA, M.G. Serviços Escola de Psicologia no Brasil: desafios e possibilidades às práticas clínicas em tempos de pandemia. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 56, n. 1, e1549, 2022.

MACÊDO, S.; NUNES, A. L. P.; DUARTE, M. V. G. Escuta Clínica, Triagem e Plantão Psicológico em um Serviço-Escola Pernambucano. **Psicologia: Ciência e Profissão**, p. e219706, v. 41, 2021.

MAGGI, A. et al. Vulnerabilidade, saúde mental e clínica-escola: uma resposta de atenção à população. **Aletheia**, v. 49, n. 2, p. 55–63, 1 dez. 2016.

MARAVIESKI, S., SERRALTA, F.B. Características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de Psicologia. **Temas em Psicologia** – v. 19, n. 2, p.481 – 490, 2011.

MARCOS, C. M. A Supervisão em psicanálise na clínica escola: breve relato de uma pesquisa. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 12, n. 3-4, p. 853–872, 1 dez. 2012.

MEIRELES VIEIRA, E., BORIS, J.B., DANIEL, G. O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 883 -896, 2012.

MELO-SILVA, L.L., SANTOS, M.A., SIMON, C.P. (Orgs.). **Formação em Psicologia: Serviços escolas em debate**. São Paulo: Vetor, 2005.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTEIRO, T. V. O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. **Psicologia Clínica**, v. 27, p. 175–194, 2015.

MURAN, J.C., CASTONGUAY, L.G., STRAUSS, B. A brief introduction to psychotherapy research. (pp. 3-14). In L.G. CASTONGUAY, J.C. MURAN, L. ANGUS, HAYES, J.A; LADANY, N.; ANDERSON, T. (Eds.). **Bringing psychotherapy research to life**. Washington DC: American Psychological Association, 2010.

NEUMANN, A. P.; WAGNER, A. Caracterização da clientela atendida em terapia de família em uma clínica-escola. **Psicologia Clínica**, v. 27, n. 2, p. 63–81, 2015.

NEVES, A. J. DAS; CALAIS, S. L. Efeitos do manejo comportamental de incontinência fecal em adolescente. **Psicologia, ciência e profissão**, v. 32, p. 754–767, 2012.

NUNES, A. P.; MORATO, H. T. P. O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26, n. 1, p. 2–12, 1 abr. 2020.

OLIVEIRA, A. P. DE; PEREIRA, V. A.; BOTTEGA, D. C. Influências familiares no processo psicanalíserefsde psicoterapia infantil: enurese diurna e noturna: estudo de caso. **Pensando famílias**, p. 50–62, 2017.

OLIVEIRA, M. S.; LUCENA-SANTOS, P.; BORTOLON, C. Clientela adulta de serviço psicológico: características clínicas e sociodemográficas. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 2, p. 192–202, 1 ago. 2013.

OLIVEIRA, M. D. S. et al. Supervisão em Serviços-Escola de Psicologia no Brasil: Perspectivas dos Supervisores e Estagiários. **Psico**, v. 45, n. 2, p. 1, 19 ago. 2014.

OSTI, N. M. D.; SEI, M. B. A importância da família na clínica infantil: um ensaio teórico-clínico. **Temas em psicologia** (Online), p. 145–157, mar. 2016.

OSTI, N. M. D.; SEI, M. B.; ZANETTI, S. A. S. Psicoterapia de casal em um serviço-escola de Psicologia: uma ilustração clínica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 3, p. 993–1012, 2016.

PARDO, M. B. L. et al. Entrevista Inicial como Suporte para Intervenções em Grupos de Orientação a Pais. **Psico**, v. 46, n. 4, p. 423, 8 dez. 2015.

PAVOSKI, G. T. T. et al. Prevenção universal e promoção de saúde em grupo de crianças a partir do Método Friends. **Psico** (Porto Alegre), p. 148–158, 2018.

PELLICIARI VERÍSSIMO, L.; SERRALHA, C. A. As queixas escolares no serviço-escola: evolução dos casos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 29–51, 2020.

PEREIRA, M.D., PEREIRA, M.D. NUNES, A.K.F. A importância da implementação das clínicas-escola de psicologia pelas universidades: uma revisão da literatura. **Ciências Humanas e Sociais**, v. 6 , n.2, p. 213-224, 2020.

PEREIRA, N. M.; KESSLER, C. H. Reflexões acerca de um início: psicanálise e clínica na universidade. **Psicologia em Revista**, v. 22, n. 2, p. 469, 1 ago. 2016.

PINHEIRO, N.N.B., DARRIBA, V.A. A clínica psicanalítica na universidade: reflexões a partir do trabalho de supervisão. **Psicologia Clínica**, v.22, n.2, p.45 – 55, 2010.

PORTO, M. A.; VALENTE, M. L. L. DE C.; ROSA, H. R. A construção do perfil da clientela numa clínica-escola. **Boletim de Psicologia**, v. 64, n. 141, p. 159–172, 1 dez. 2014.

PREBIANCHI, Helena Bazanelli. Serviço-escola de Psicologia: representações sobre a saúde mental infantil por profissionais e usuários. **Psicologia em Revista**, v. 20, n. 2, p. 374-394, 2014.

PUREZA, J. DA R.; OLIVEIRA, M. DA S.; ANDRETTA, I. Abandono terapêutico na terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia Argumento**, v. 31, p. 561–568, 2013.

- RIBEIRO, P. C. C.; FREITAS, V. J. DE; SOUZA, J. S. DE. A busca pelo atendimento psicológico na meia-idade e na velhice. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 19, n. 2, p. 65–83, 10 out. 2016.
- ROCHA, G.M.A., ENÉAS, M.L.E. Pesquisa na clínica psicológica. In: CARPIGIANI, B., LOPES, S.R.A. **Espaço de formação do psicólogo no Brasil – 20 anos da Clínica Psicológica Alvino Augusto de Sá**, p. 89-98. Ed. Mackenzie, 2013.
- ROCHA, G. S.; ROSA, M. I. P. D. Diagnóstico psicanalítico do Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH) na infância. **Psicol. argum**, p. 230-247, 2019.
- RODRIGUES, M.C., CAMPOS, A.P.S. Isabela Andrade, FERNANDES. Caracterização da queixa escolar no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Estudos de Psicologia, Campinas** v. 29, n. 2, p. 241-252, 2012.
- RODRIGUES, C. M.; MISHIMA-GOMES, F. K. T. As flores estão brotando: atendimento infantil em consultas terapêuticas. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 89–100, jun. 2013.
- SANTANA, S. DE M. et al. Intervenções em grupo na perspectiva cognitivo-comportamental: experiências no contexto da clínica-escola. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 10, p. 47-53, n. 1, jun. 2014.
- SANTOS, F.; VASCONCELOS, T. T. Um caso sobre o brincar, o Psicodrama e as relações afetivas. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [s. l.], v. 26(1), p. 9- 17, jan/jun 2018.
- SCHLINDWEIN, V. DE L. D. C. et al. Considerações Sobre Queixas Relacionadas ao Trabalho em Pacientes de uma Clínica-Escola. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 860–876, 2017.
- SEI, M.; RAFAEL, J.; COLAVIN, P. Desistência e abandono da psicoterapia em um serviço-escola de Psicologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 18, n. 2, p.37-49, agosto de 2016
- SEI, Maíra Bonafé et al. Caracterização da clientela infantil e adolescente de um serviço-escola de Psicologia paranaense. **Revista de Psicologia UNESP**, Dez 2019, vol.18, no.2, p.19-36. ISSN 1984-9044
- SEI, M. B.; GOMES, I. C. Caracterização da clientela que busca a psicoterapia psicanalítica de casais e famílias. **Psicologia - Teoria e Prática**, v. 19, n. 3, 2017.
- SERRALTA, F.B., PAZ, C., EVANS, C. , ROCHA, G.M.A. Instrumentos e modelos de avaliação quantitativa em saúde mental. In: AVANÇOS em Psicopatologia: Avaliação e Diagnóstico Baseados na CID-11. Artmed, no prelo.
- SILVA, A. C. DE M. et al. Incidência da escuta psicanalítica no processo de triagem no âmbito do serviço escola de psicologia: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, p. 77-91, v. 21, n. 3, dez. 2020.
- SILVA, D. S., SCHRODER, N.T., GEDRAT, D.C. Promoção da saúde mental: o atendimento de adolescentes com sintomas depressivos em clínica-escola. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, e50811225980, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd->

v11i2.2598

SILVA, R. A. DA C.; DELMONDES, M. R.; ÁVILA, M. P. L. G. Um relato de experiência no Serviço-Escola de Psicologia em tempos de Covid-19. **Revista de Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11, jan 2022.

SILVA, W. S. S. da et al. Das possibilidades de trabalho com a psicanálise no contexto de uma clínica-escola. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 143, 28 maio 2018.

SILVA, B. de A. V. H. e; MORENO, T. de L. P.; BARCELOS, T. F. Caixa de lembranças: relato de experiência com um grupo de mulheres com queixa de depressão em uma clínica escola. **Vínculo**, v. 18, n. 1, p. 25–36, 2021.

SOARES, L. L. M. Plantão Psicológico Gestáltico - A Escrita de uma Experiência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 997–1017, 2019.

SOUZA, F.P., SANTOS, D.F.G., VIVIAN, A.G. Motivos da busca de atendimento psicológico em uma clínica escola da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS – Pesquisa documental. **Aletheia**, 43-44, p.24-36, 2014.

TEIXEIRA DE SOUZA, V.; STAUB PROCHNAU, I.; SAUSEN, T. R. Perfil psicofarmacológico da população masculina atendida na Clínica Escola de uma IES do Paraná. **Psicologia Argumento**, v. 37, n. 98, p. 486, 21 fev. 2020.

VAGOSTELLO, L. et al. Caracterização das demandas de psicodiagnóstico infantil em uma clínica-escola de São Paulo. **Psicol. revista**, p. 41–58, 2017.

VERÍSSIMO, Lara Pellicieri; SERRALHA, Conceição Aparecida. As queixas escolares no serviço-escola: evolução dos casos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 11, n. 3, p. 29-51, 2020.

VIEGAS, P. C.; RAMIRES, V. R. R. Pré-adolescentes em psicoterapia: capacidade de mentalização e divórcio altamente conflitivo dos pais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, n. suppl 1, p. 841–849, dez. 2012.

VIVIAN, A. G.; TIMM, J. S.; DE SOUZA, F. P.. Serviço-escola de psicologia: caracterização da clientela infanto juvenil atendida de 2008 a 2012, em uma Universidade privada do RS. **Aletheia**, n. 42, p. 136-152, 2013.

WIELEWICKI, A. Problemas de comportamento infantil: importância e limitações de estudos de caracterização em clínicas-escola brasileiras. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 379-389, 2011.

WILKE, M. E. V. M.; KUSSLER, M. DE L. Consequências do Abuso Sexual Infantil Masculino Exercido por uma Mulher: Resgates Possíveis na Adulterez Através da Terapia Individual Sistêmica. **Nova perspectiva sistêmica**, v. 22, 2013.

XIMENES, C.M.A., BARRETO, C.L.B.T. A supervisão clínica em psicologia no contexto de clínica-escola no Brasil. **Perspectivas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 67 - 81, 2018.

YOSHIDA, E.M.P. Recepção, acolhimento, triagem e pesquisa clínica psicológica. In; Melo-Silva, L.L.; Santos, M.A. & Simon, C.P. (Orgs.) (2005). **Formação em Psicologia: Serviços-escolas em debate**. São Paulo: Vetor , 2005.